

A SEMANA – 234*

22 de novembro de 1896

A natureza tem segredos grandes e inopináveis. Não me refiro especialmente ao de anteontem, no Cassino Fluminense, onde algumas senhoras e homens de sociedade nos deram ópera, comédia e pantomima, com tal propriedade, graça e talento, que encantaram o salão repleto.¹ Não é a primeira vez que a comissão do Coração de Jesus ajunta ali a flor da cidade. Aos esforços das senhoras que a compõem correspondem os convidados, – e desta vez apesar do tempo, que era execrável, – e aos convidados, em cujo número se contava agora o Sr. vice-presidente da República, corresponderam os que se incumbiram de dizer, cantar ou gesticular alguma coisa. Outros contarão por menor² e por nomes o que fizeram os improvisados artistas. A mim nem me cabe esta nota de passagem, em verdade menos viva que a do meu espírito; mas, pois que saiu, aí fica.

Não, o inopinável e grande da natureza, a que me quero referir³ é outro. Um dos maiores sabe-se que é o suicídio, que nos parece absurdo, quando a vida é a necessidade comum; mas, considerando que é a mesma vida que leva o homem a eliminá-la, – *propter*

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 327, p. 1, 22 nov. 1896), SEMMA (p. 378-382) e SEM1953 (v. 3, p. 333-339). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ Na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 327, p. 2, col. 7), do dia 22 de novembro de 1896, lê-se: “CASSINO FLUMINENSE / A terceira representação dramática e lírica dada anteontem em benemérito da capela do Sagrado Coração de Jesus no Cassino, atraiu como de costume uma concorrência numerosa e distinta. Apesar do mau tempo, gentilíssimas senhoras e cavalheiros da nossa mais fina sociedade encheram o vasto salão, que oferecia deslumbrante aspecto. / É que havia mais de uma sedução naquela festa; além de repetir-se a pantomima de Arbel e o ato do *Ruy Blas*, estavam anunciados o dueto do 3º ato dos *Huguenotes* e a comédia em um ato – *Não consulte médico...*, original brasileiro do nosso eminente colega Machado de Assis. / Aos ouvintes do costume acrescia, portanto, um grupo e não pequeno: o dos homens de letras que ansiavam por ouvir mais uma produção do festejado autor dos *Deuses de casaca*. / Efetivamente a festa não pudera ser mais brilhante. Cerca das 9 horas da noite, comparecendo o sr. vice-presidente da República, Dr. Manuel Vitorino, rompeu a orquestra o hino nacional e deu-se começo à execução do programa.”

² O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001, p. 1892) registra (apenas no plural) “por menores”: “por miúdo, de modo detalhado, minucioso”. O mesmo dicionário registra a forma “pormenor” (2001, p. 2264): “pequeno elemento ou circunstância, minúcia, detalhe”. O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* traz apenas “pormenor”.

³ referir] referir, – em SEM1953.

vitam,⁴ – tudo afinal se explica na pessoa que pega em si, e dá um talho, bebe uma droga ou se deita de alto a baixo na rua ou no mar. As crianças pareciam isentas dessa vertigem; mas há ainda poucas semanas deram os jornais notícia de uma criaturinha de doze anos que acabou com a existência, – uns dizem que por pancadas recebidas, outros que por nada.⁵

Tivemos agora um caso mais particular: Um fazendeiro rio-grandense deu um tiro na cabeça e desapareceu do número dos vivos. O telegrama nota que era homem de idade, – o que exclui qualquer paixão amorosa, conquanto as cãs não sejam inimigas das moças; podem ser invejosas, mas inveja não é inimizade. E há vários modos⁶ de amar as moças, – o modo conjuntivo e o modo extático; ora, o segundo é de todas as fases deste mundo. Além de idoso, o suicida era rico, isto é, aquele bem que a sabedoria filosófica reputa o segundo da terra, ele o possuía em grau bastante para não padecer nos últimos⁷ da vida, ou antes para vivê-los à farta, entre os confortos do corpo e da boca. Não tinha moléstia alguma; nenhuma paixão política o atormentava. Qual a causa então do suicídio?

A causa foi a convicção que esse homem tinha de ser pobre.⁸ O telegrama chama-lhe mania, eu digo convicção. Qualquer, porém, que seja o nome, a verdade é que o fazendeiro rio-grandense, largamente proprietário, acreditava ser pobre, e daí o terror natural que traz a pobreza a uma pessoa que trabalhou por ser rica, viu chegar o dinheiro, crescer, multiplicar-se, e por fim começou a vê-lo desaparecer aos poucos, a mais e mais depressa, e totalmente. Note-se bem que não foi a ambição de possuir mais dinheiro que o levou à morte, – razão de si misteriosa, mas menos que a outra; foi a convicção de não ter nada.

Não abaneis a cabeça. A vossa incredulidade vem de que a fazenda do homem, os seus cavalos, as suas bolivianas, as suas letras e apólices valiam realmente o que

⁴ “por causa da vida”. [Trad. nossa]

⁵ Esse suicídio, de uma menina de 12 anos, sob o título “Suicídio de uma criança”, foi publicado no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 322, p. 2, col. 3, 17 nov. 1896), e, sob o título “Suicídios”, na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 322, p. 2, col. 2, 17 nov. 1896).

⁶ vários modos] várias modas – em GN e em SEMMA. Acolhemos a correção de Aurélio.

⁷ Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 334), em nota à edição desta crônica, informa: “Está assim na *Gazeta de Notícias*, com elipse, possivelmente devida à revisão, da palavra *anos*.”

⁸ Não localizamos o telegrama a que o cronista se refere. O *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 330, p. 2, col. 6) do dia 25 de novembro de 1896 publicou um telegrama, enviado de Porto Alegre, com resumo de notícias do Rio Grande do Sul, em que se lê: “No lugar denominado Passo do Feijó, três léguas distante desta Capital, desfechou um tiro de revólver na cabeça o ancião capitão Francisco de Oliveira Garcia Filho, homem possuidor de bens de fortuna e chefe de numerosa família. O infeliz achava-se há dias atacado das faculdades mentais.” Em outro periódico, *Gazeta da Tarde* (ano 17, n. 331, p. 2, col. 1, 29 nov. 1896), lê-se: “No Passo do Feijó, suicidou-se, dando um tiro na cabeça, o capitão Francisco de Oliveira Garcia Filho. A causa que motivou esse suicídio foi [...] a falta de recursos pecuniários.” Talvez Machado de Assis esteja se referindo a esse episódio e, em caso afirmativo, deve ter colhido mais informações sobre o acontecimento em fontes não identificadas por nós. Em todo caso, pelas datas das publicações, ele não pode ter lido os jornais que citamos; eles são de datas posteriores à desta crônica.

querem que valham; mas não fostes vós que vos matastes, foi ele e nada disso era vosso, mas do suicida. As coisas têm o valor do aspecto, e o aspecto depende da retina. Ora, a retina daquele homem achou que os bens tão invejados de outros eram coisa nenhuma, e prevendo o pão alheio, a cama da rua, o travesseiro de pedra ou de lodo, preferiu ir buscar a outros climas melhor vida ou nenhuma, segundo a fé que tivesse.

O avesso deste caso é bem conhecido naquele cidadão de Atenas que não tinha nem possuía uma dracma,⁹ um pobre-diabo convencido de que todos os navios que entravam no Pireu eram dele; não precisou mais para ser feliz. Ia ao porto, mirava os navios e não podia conter o júbilo que traz uma riqueza tão extraordinária. Todos os navios! Todos os navios eram seus! Não se lhe escureciam os olhos e todavia mal podia suportar a vista de tantas propriedades. Nenhum navio estranho; nenhum que se pudesse dizer de algum rico negociante ateniense. Esse opulento de barcos e ilusões comia de empréstimo ou de favor; mas não tinha tempo para distinguir entre o que lhe dava uma esmola e o seu criado. Daí veio que chegou ao fim da vida e morreu naturalmente e orgulhosamente.¹⁰

Os dois casos, por avessos que pareçam um ao outro, são o mesmo e único. A ilusão matou um, a ilusão conservou o outro; no fundo, há só a convicção que ordena os atos. Assim é que um pobretão, crendo ser rico, não padece miséria alguma, e um opulento, crendo ser pobre, dá cabo da vida para fugir à mendicidade. Tudo é reflexo da consciência.¹¹

Não mofeis de mim, se achais aí um ar de sermão ou filosofia. O meu fim não é só contar os atos ou comentá-los; onde houver uma lição útil é meu gosto e dever tirá-la e divulgá-la como um presente aos leitores; é o que faço aqui. A lição que eu tirar pode

⁹ dracma] dragma – em GN e em SEMMA. Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 336), em nota à sua edição, registra: “Na *Gazeta de Notícias* está assim, ‘dragma’, e não ‘dracma’. A ed. de *A Semana* organizada por Mário de Alencar conservou aquela forma, que se encontra no dicionário de Moraes, onde Machado de Assis a terá visto, se não a viu – lido como era em clássicos – no passo dos *Sermões* de Diogo Paiva de Andrade, que esse lexicógrafo aponta como abonação, ou em algum outro escritor antigo.” Preservamos a forma *dragma* (que vem no texto-base), que não se encontra no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*.

¹⁰ O cronista se refere à anedota do maníaco ateniense (um certo Trasilau), que acreditava serem seus os navios que atracavam no porto de Atenas (Pireu). A história se encontra em vários autores, como, por exemplo, Camões, que nas “Oitavas ao desconcerto do mundo” se refere a Trasilau. (CAMÕES, 2005, p. 368-374 – Oitavas 3, v. 129, v. 151 e v. 214) No capítulo CLIV – intitulado “Os navios do Pireu” –, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis (2008, v. 1, p. 755) já tinha se referido ao “maníaco ateniense”. A equipe editorial do site “Machadodeassis.net” informa em nota a esse capítulo que a anedota “se encontra em vários autores. O mais antigo é Luciano de Samósata (século II d.C.), em *O navio ou desejos*. Cláudio Eliano (século III d.C.), professor de retórica e grande conhecedor do grego, relata a mesma história, já chamando o maníaco ateniense de Trasílio, em *Várias histórias* (Livro IV, Anedota 25, ‘*De admirabili dementia Thrasylii*’). [...] Montaigne, nos seus *Ensaio*s (livro II, capítulo XII) também o chama de *Thrasylaus*. Xavier de Maistre (1763-1852), em *Viagem à roda do meu quarto* (cap. 37) menciona essa personagem, a quem se refere como ‘um certo ateniense.’”

¹¹ Machado de Assis desenvolve este tema no conto “O segredo do bonzo”, publicado em *Papéis avulsos* (1882).

ter a existência do cavalo do pampa ou a do navio do Pireu; toda a questão é que valha por uma realidade, aos olhos do fazendeiro do sul e do cidadão de Atenas.

A lição é que não peçais nunca dinheiro grosso aos deuses, senão com a cláusula expressa de saber que é dinheiro grosso. Sem ela, os bens são menos que as flores de um dia. Tudo vale pela consciência. Nós não temos outra prova do mundo que nos cerca senão a que resulta do reflexo dele em nós: é a filosofia verdadeira. Todo Rothschild and Sons,¹² nossos credores, valeriam menos que os nossos criados, se não possuíssem a certeza luminosa de que são muito ricos. Vanderbilt¹³ seria nada; Jay Gould¹⁴ um triste cocheiro de tílburí sem possuir sequer o carro nem o cavalo, a não ser a convicção dos seus bens.

Passai das riquezas materiais às intelectuais: é a mesma coisa. Se o mestre-escola da tua rua imaginar que não sabe vernáculo nem latim, em vão lhe provarás que ele escreve como Vieira ou Cícero, ele perderá as noites e os sonos em cima dos livros, comerá as unhas em vez de pão, encanecerá ou encalvecerá, e morrerá sem crer que mal distingue o verbo do advérbio. Ao contrário, se o teu copeiro acreditar que escreveu os *Lusíadas*, lerá com orgulho (se souber ler) as estâncias do poeta; repeti-las-á de cor, interrogará o teu rosto, os teus gestos, as tuas meias palavras, ficará por horas diante dos mostradores mirando os exemplares do poema expostos.¹⁵ Só meterá em processo os editores se não supuser que ele é o próprio Camões; tendo essa persuasão, não fará mais que ler aquele nome tão bem-visto de todos, abençoá-lo em si mesmo; ouvi-lo aos outros, acordado e dormindo.

Que diferença achais entre o mestre-escola e o teu copeiro? Consciência pura. Os frívolos, crentes de que a verdade é o que todos aceitam, dirão que é mania de ambos, como o telegrama mandou dizer do fazendeiro do sul, como os antigos diriam do cidadão de Atenas. A verdade, porém, é o que deveis saber, uma impressão interior. O povo, que diz as coisas por modo simples e expressivo, inventou aquele adágio: Quem o feio ama, bonito lhe parece. Logo, qual é a verdade estética? É a que ele vê, não a que lhe demonstrais.

A conclusão é que o que parece desmentir a natureza da parte de um homem que se elimina por supor que empobreceu, não é mais que a sua própria confirmação. Já não possuía nada o suicida. A contabilidade interior usa regras às vezes diversas da exterior, diversas e contrárias. 20 com 20 podem somar 40, mas também podem somar 5 ou 3, e até 1, por mais absurdo que este total pareça; a alma é que é tudo, amigo meu, e não é

¹² *Rothschild*: família de origem judia que estabeleceu dinastia bancária na Europa. O marco inicial da dinastia é a fundação, em 1811, em Londres, do banco (*Rothschild and Sons* – ainda em operação).

¹³ Vanderbilt] Wanderbilt – em GN, em SEMMA e em SEM1953. Referência à família norte-americana Vanderbilt, cujo êxito financeiro veio de negócios marítimos e ferroviários.

¹⁴ Jay Gould (1836-1892), banqueiro e empresário americano, cuja fortuna teve origem em negócios ferroviários e bancários.

¹⁵ expostos.] exposto. – em SEM1953.

Bézout¹⁶ que faz a verdade das verdades. Assim, e pela última vez, repito que vos não limiteis a pedir bens simples, mas também a consciência deles. Se eles não puderem vir, venha ao menos a consciência. Antes um navio no Pireu que cem cavalos no pampa.



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 327, p. 1, 22 nov. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15301>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

¹⁶ Étienne Bézout (1730-1783), matemático francês. Escreveu livro didático que se tornou referência em ensino de matemática; desse uso e prestígio da obra vem a expressão “dar Bézout”, e, possivelmente, o termo “bizu” – “indicação”, “dica”, etc. –, registrado no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001, verbete: *bizu*), porém, informa que a origem etimológica do termo “bizu” é “obscura”.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.